

## **CARTOGRAFIAS DO FEMINICÍDIO EM *COMETERRA*, DE DOLORES REYES**

Cartographs of femicide in *Cometerra*, by Dolores Reyes

**Anna Carolina Deodato<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-3816-4962> 

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 21941-917 – [posciencialit@letras.ufrj.br](mailto:posciencialit@letras.ufrj.br)

REYES, Dolores. *Cometerra*. Trad. de Elisa Menezes. Belo Horizonte: Moinhos, 2022.

*Ela fica aqui e eu levo um pouco desta terra em mim,  
para saber, às escuras, meus sonhos.*  
(REYES, 2022)

*Cometerra* é o livro de estreia da professora feminista Dolores Reyes, publicado na Argentina em 2019 e traduzido por Elisa Menezes para publicação no Brasil em 2022. Reyes nasceu em Buenos Aires em 1978. Mãe de sete filhos, a escritora estudou literatura clássica na Universidade de Buenos Aires. Dedicou-se ainda à escrita de crônicas para jornais argentinos e a promover leituras e debates sobre seu trabalho e o de outras escritoras feministas.

O romance argentino acompanha a história de *Cometerra*, criança latino-americana órfã de mãe que, juntamente ao irmão, Walter, fora abandonada na infância pela tia que, envergonhada de uma sobrinha que come terra à vista de todos, vai embora. Envergonhada de uma sobrinha que come terra à vista de todos, a mulher vai embora. Sabemos que o pai dos irmãos é alguém perverso, cujos rastros foram varridos da casa pela família, por motivos que somente nos são explicados posteriormente.

Somos apresentados ao “dom” da criança protagonista logo nas páginas iniciais do romance, quando a professora Ana desaparece. Movida pela ânsia de descobrir o paradeiro da professora, *Cometerra* ingere a terra do pátio escolar, por onde a mulher costumava caminhar, e logo entendemos que precisa existir algum tipo de vínculo entre a terra ingerida e a pessoa por quem a criança busca informações.

A partir dessa ação desesperada, percebemos o despreparo e a omissão da polícia quando confrontada diretamente pela busca por soluções para crimes motivados por questões de gênero. Coube à terra e à criança o papel de dar voz e narrar a história das mulheres silenciadas pela violência, tarefa especialmente delicada e grotesca.

Meu irmão tinha arrumado um trampo numa oficina mecânica. Às vezes, quando ele saía para trabalhar, eu estava deitada no sofá. Quando ele voltava eu continuava lá, olhando para a ponta dos pés. Pensando: “Por que eu, terra?” (REYES, 2022, p. 24).

Vem do ato de comer terra o nome dado à protagonista pelos demais – vizinhos, familiares, amigos do irmão – personagens que a cercam sem jamais compreender o impulso que a domina. Não sabemos sua identidade verdadeira, sua idade ou exatamente o local onde vive. Embora narrada em primeira pessoa, não conhecemos Cometera se não pelo olhar dos outros. Tal percepção pode ser interpretada como metáfora para o processo de dominação e silenciamento pelo qual a América Latina fora submetida, sendo constantemente descrita sob a visão do colonizador, assim como acontece com a criança.

Subvertendo essa narrativa hegemônica, o livro oferta o protagonismo às centenas de vítimas de feminicídio na América Latina. Reyes dedica a história à memória de Melina Romero e Araceli Ramos, assim como às demais vítimas de feminicídio e suas sobreviventes. A Argentina, país da autora, ocupa posições preocupantes no que tange os dados desse tipo de crime em estudos publicados pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), o que denota a magnitude com que tal fenômeno social afeta os países do continente como um todo.

O feminicídio, como nomenclatura, surge pela primeira vez no depoimento de Diana Russel em 1976 para o Tribunal Internacional de Crimes contra as Mulheres em Bruxelas. Anos depois, a autora, juntamente com Jill Radford, publicara o livro *Femicídio: The Politics of Woman Killing* (1992), no qual define essa modalidade criminosa como o assassinato misógino de mulheres por homens, tendo como razão o gênero da vítima (RUSSEL, 2012).

Na América Latina, o termo surge e se populariza por meio da fala da antropóloga mexicana Marcela Lagarde, que fez uso de “femicídio” para descrever o assassinato sistemático de meninas e mulheres em Ciudad Juárez e Ciudad de Guatemala (ROMIO, 2019). Em 2021, ao menos 4.473 mulheres foram vítimas de feminicídio em 29 países e territórios da América Latina e Caribe, segundo os últimos dados oficiais informados pelos países ao Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe (OIG) da CEPAL. Isto representa ao menos 12 mortes violentas de mulheres por razão de gênero a cada dia na região.

É nesse cenário de violência letal de gênero que mulheres e meninas crescem sem que possam exercer verdadeiramente seu direito a viver uma vida livre de violência e discriminação. Reyes nos mostra que não fechar os olhos para o feminicídio é um dom, embora doloroso e indigesto. Mulheres que foram estupradas, mortas e abusadas ganham voz através da terra e do corpo da protagonista, denunciando o ciclo de horrores para o

qual a sociedade teima em permanecer apática.

Era a professora Ana, o rosto dela assim, do jeito que eu lembrava, mas não como quando ela estava na escola. Eu a havia desenhado como a terra me mostrou: nua, com as pernas abertas e meio dobradas para os lados, o que fazia seu corpo parecer menor, como se fosse um sapinho. E as mãos para trás, amarradas a um dos postes do galpão onde umas letras pintadas em uma placa diziam “Depósito Panda”. (REYES, 2022, p. 20-21).

Assumindo o realismo fantástico latino-americano, a terra assume personalidade, se torna personagem na trama. Seduz e atrai Cometerra para si, ansiosa por contar, cansada de absorver sangue inocente e permanecer calada. A terra não mente e não é apática. Requisita o corpo da garota, convoca seu mundo onírico para se fazer ouvir por meio dos sonhos. O processo de elaboração e interpretação dos sinais vindos da terra requer um imenso trabalho psíquico. Essa descrição é a marca que Freud nomeou como infamiliar em seu célebre ensaio de mesmo nome, cerca de cem anos antes: acessamos tudo aquilo que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que emergiu. Em uma sociedade que finge não ver o que acontece com suas mulheres e meninas, a garota é tida como inadequada e, como punição, tem seus laços sociais dissolvidos.

– Somos só nós dois de novo, maninha. Sozinhos. Não posso culpar ninguém.  
Eu não disse nada. Também não esperava mais nada. Se a culpa não era deles, era de quem? Do meu corpo? Eu não podia mudar o que meu corpo via. (REYES, 2022, p. 48)

Cometerra é a fratura no vórtice de morte e impunidade, curto-circuito do pacto firmado entre sociedade, autoridades e a política que sustentou a violência como dispositivo de controle aceitável sobre os corpos femininos. É o grito de basta de uma América Latina que sangra por suas veias abertas – um sangue marcado pelo gênero –, mas mostra ainda saber como contar seus mortos.

## Referências

CEPAL. *Ao menos 4.473 mulheres foram vítimas de feminicídio na América Latina e no Caribe em 2021*. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/cepal-menos-4473-mulheres-foram-vitimas-femicidio-america-latina-caribe-2021>. Acesso em: 07 jan. 2023.

FREUD, Sigmund. *O infamiliar*. Trad. de Ernani Chaves, Pedro H. Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

REYES, Dolores. *Cometerra*. Trad. de Elisa Menezes. Belo Horizonte: Moinhos, 2022.

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. Sobre o feminicídio, o direito da mulher de nomear suas experiências. *Plural – Revista de Ciências Sociais*, v. 26, n. 1, p. 79-102, 2019.



RUSSEL, Diana. *The origin and importance of the term femicide*. 2011. Disponível em: [http://www.dianarussell.com/origin\\_of\\_femicide.htm](http://www.dianarussell.com/origin_of_femicide.htm). Acesso em: 10 fev. 2021.

## NOTAS DE AUTORIA

**Anna Carolina Deodato da Silva** ([annadeodato@gmail.com](mailto:annadeodato@gmail.com)) possui graduação em Gastronomia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018) e mestrado em Ciência da Literatura (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021). Atualmente, cursa licenciatura em Letras – Literatura na Universidade Federal Fluminense e doutorado em Literatura Comparada no Departamento do PPGCL/UFRJ.

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

DEODATO, Anna Carolina. Cartografias do feminicídio em *Cometerra*, de Dolores Reyes. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-04, 2023.

### Contribuição de autoria

Não se aplica.

### Financiamento

Não se aplica.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](https://portal.periodicos.ufsc.br/). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

### Histórico

Recebido em: 07/01/2023

Aprovado em: 01/05/2023

Publicado em: 07/07/2023

